

**14/1/1985**

**Greve nada tem com a sucessão**

O movimento grevista dos bóias-frias da região de Ribeirão Preto (mais rica do país em produção agrícola) não tem nada a ver com o processo sucessório, mas, se eleito, Tancredo Neves, terá que encontrar uma solução rápida para o problema das relações de trabalho na área rural. Este é o pensamento unânime de todos os segmentos envolvidos na greve da Alta Mogiana.

O presidente da Fetaesp, Roberto Horigutti, e o secretário-geral da CUT, Osvaldo Bargas, presentes no movimento de paralisação dos bóias-frias, garantem que a eclosão da greve não está relacionada com o processo sucessório. Bargas, antes mesmo de falar qualquer coisa sobre o assunto, faz questão de esclarecer que "as greves na região não estão ocorrendo em função da transição de governo, mas sim por causa da fome e da miséria dos trabalhadores".

Horiguti, por sua vez, também é taxativo: "Em absoluto, não vejo nenhuma conotação política da greve com o momento político do País". O presidente da Fetaesp é da Opinião que "a greve não teria ocorrido se os usineiros não tivessem puxado o tapete dos trabalhadores".

Entre os políticos, as declarações são semelhantes. Enquanto o deputado estadual Waldir Trigo (PMDB) enfatiza que "Tancredo terá de mostrar competência e firmar na prática seu compromisso com a classe trabalhadora", o prefeito de Barrinha, Fuad Ahmed Saleh, afirma que "a paralisação não está relacionada com o Colégio Eleitoral, mas sim com a situação do trabalhador".

O vereador Leopoldo Paulino, do PMDB de Ribeirão Preto, e também advogado da Fetaesp, afirma que "a greve na região de Ribeirão Preto é uma boa mostra para o presidente Tancredo da situação em que se encontra o País".

— Justamente na região agrícola mais rica do Brasil é onde está acontecendo a fome. É onde os trabalhadores estão sentindo dificuldade para achar emprego. A eleição de Tancredo Neves é fundamental para a redemocratização do País, mas o problema do trabalhador rural existe e ele vai ter que tratar desse problema, principalmente mostrando aos empresários do açúcar e do álcool que os trabalhadores têm de partilhar da riqueza.

O superintendente da Usina Santa Lydia de Ribeirão Preto também vê nas questões econômicas o motivo da greve e garante que "os empresários do setor alcooleiro e açucareiro esperam poder participar do pacto social proposto pelo candidato Tancredo Neves".

Para o secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto, a greve no momento em que o Colégio Eleitoral se reúne para escolher o futuro presidente "não é ruim nem boa para o dr. Tancredo, porque não é ele o causador desse problema, cuja origem é de vários anos. Eu atribuo à própria legislação uma grande responsabilidade quanto a esses fenômenos que nós estamos presenciando", afirmou. Pazzianotto quer que o futuro governo federal modernize a legislação trabalhista, "para que o trato com esse tipo de problema (greves, negociações, etc.), fique mais simplificado".

As assembleias, piquetes e tumultos fizeram os bóias-frias de Sertãozinho esquecer que amanhã será eleito o novo presidente. De qualquer maneira, lembrados sobre o assunto, eles acreditam que a incumbência do governo, de um modo geral, é obrigar "os usineiros a pagar melhor a gente". Manoel Ferreira, mineiro que migrou para os canaviais de Sertãozinho, espera

que no futuro governo os problemas dos bóias-frias sejam resolvidos, mas adianta que “vai ser fogo para Tancredo acertar o Brasil”.

José Roberto Ferreira, AE-Araraquara.

**(Página 15)**